

Samambaia, DF / Julho, 2026

Caracterização dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro no Brasil



***Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Hortaliças
Ministério da Agricultura e Pecuária***

ISSN 1415-2312 / e-ISSN 0000-0000

Documentos 209

Julho, 2026

Caracterização dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro no Brasil

*Maria Thereza Macedo Pedroso
Zenaide Rodrigues Ferreira*

***Embrapa Hortaliças
Samambaia, DF
2026***

Embrapa Hortaliças

Rodovia BR-060, Km 09 (Brasília/Anápolis),
Fazenda Tamanduá
Caixa Postal 7816
72.305-970, Samambaia Sul, DF
www.embrapa.br/hortalicas
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Comitê Local de Publicações

Presidente
Ítalo Ludke

Secretário-executivo
William Marques

Membros
Danielle Biscaia
Giovani Olegario da Silva
Marcos Brandão Braga
Margarida de Jesus Teixeira e Gorga
Miguel Michereff Filho
Milza Moreira Lana
Mirtes Freitas Lima
Oscar Fontão de Lima Filho
Paula Fernandes Rodrigues
Raphael Augusto de Castro e Melo

Edição executiva

Danielle Biscaia
Milza Moreira Lana
Iara Del Fiaco Rocha

Revisão de texto

Maria Cristina Ramos Jubé

Normalização bibliográfica

Antonia Veras de Souza

Projeto gráfico e diagramação

Leandro Sousa Fazio

Foto da capa

Henrique Martins Gianvecchio Carvalho

Publicação digital: PDF

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa, Gerência-Geral de Governança Corporativa e Informação

Pedroso, Maria Thereza Macedo.

Caracterização dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro no Brasil /
Maria Thereza Macedo Pedroso, Zenaide Rodrigues Ferreira. – Samambaia, DF :
Embrapa Hortaliças, 2026.

PDF (29 p.) : il. color. – (Documentos / Embrapa Hortaliças, e-ISSN 0000-0000,
209).

1. Cadeia produtiva. 2. Análise econômica. 3. Políticas públicas. 4. Produtor.
I. Ferreira, Zenaide Rodrigues. II. Título. III. Série. IV. Embrapa Hortaliças.

CDD (21. ed.) 635.642

Antonia Veras de Souza (CRB-1/2023)

© 2026 Embrapa

Autoras

Maria Thereza Macedo Pedroso
Engenheira-agrônoma, doutora em
Ciências Sociais, pesquisadora da
Embrapa Hortaliças, Brasília, DF

Zenaide Rodrigues Ferreira
Economista, doutora em Economia,
professora do Instituto Brasileiro de
Mercados de Capitais (IBMEC), Brasília, DF

Apresentação

A missão da Embrapa Hortaliças consiste em desenvolver uma agenda de pesquisa voltada às demandas da sociedade, priorizando inovações tecnológicas para o sistema de produção e o suprimento de hortaliças. Para o emprego eficiente dos recursos humanos e econômicos da Empresa, é indispensável estabelecer critérios rigorosos na priorização de suas linhas de atuação que, por sua vez, devem ser traçadas com base na realidade da produção nacional.

O primeiro passo para conhecer essa realidade é identificar a concentração geográfica da produção e dos produtores e suas principais características tecnológicas. Esse conhecimento é a base para a posterior realização de pesquisas qualitativas aprofundadas, visando prospectar os principais gargalos tecnológicos existentes nas concentrações identificadas.

O conhecimento gerado pode ser utilizado na composição de um sistema de priorização de temas de pesquisa agronômica pela Embrapa e na prospecção de demandas para elaboração e execução de políticas públicas, bem como nas estratégias de ação dos diversos agentes econômicos da cadeia produtiva de hortaliças.

O presente trabalho, dedicado ao tomate rasteiro, faz parte de uma série de estudos similares sobre as hortaliças que são, tradicionalmente, objeto de pesquisa agronômica da Embrapa Hortaliças. Utilizando a análise dos dados do Censo Agropecuário 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis por meio do Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sidra), foram identificados os locais mais relevantes em termos de volume de produção (polos de produção) e os locais com a maior quantidade de estabelecimentos agropecuários produtores (polos de produtores) para a hortaliça em questão. Em seguida, foram analisadas as variáveis relacionadas ao perfil social, econômico e produtivo e a intensidade tecnológica nos referidos polos.

Esse é o primeiro passo para aprofundar o conhecimento sobre a produção de tomate rasteiro no Brasil, uma hortaliça cultivada em mais de 5 mil estabelecimentos agropecuários. A Embrapa Hortaliças espera que este estudo possa ser utilizado por diferentes atores da cadeia produtiva do tomate rasteiro, visando ao desenvolvimento tecnológico de sua produção, bem como por pesquisadores de ciências agrárias e sociais.

Caroline Jácome Costa
Chefe-Geral da Embrapa Hortaliças

Sumário

Introdução	9
Material e métodos	10
Resultados	12
Polo de produção de tomate rasteiro	12
Polos de produtores de tomate rasteiro	15
Perfil produtivo nos polos de produção e de produtores	18
Indicadores de intensidade tecnológica nos polos de produção e de produtores	19
Considerações finais	24
Referências	24
Apêndice A – Estatísticas descritivas da produção de tomate nas microrregiões	27

Introdução

O presente documento faz parte de uma série de estudos sobre a caracterização do perfil tecnológico das regiões com maior concentração de produção e de número de estabelecimentos agropecuários produtores de hortaliças no Brasil¹. Por perfil tecnológico, entende-se o conjunto de características que definem a intensidade produtiva das unidades analisadas, no caso, os estabelecimentos agropecuários. O mapeamento dessas regiões, bem como sua caracterização, foi elaborado com base nos dados do último Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2017).

Trata-se da principal e mais completa investigação estatística e territorial sobre a produção agropecuária do País, cujo objetivo é obter informações sobre a estrutura, a dinâmica e o nível de produção da atividade agropecuária brasileira. Por ter sido o último levantamento dessa magnitude realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse censo permanece, mesmo com a distância temporal, como a base oficial mais robusta e minuciosa disponível para o planejamento de políticas públicas (incluindo as ações da Embrapa) e para a caracterização inicial das regiões analisadas nesse estudo.

Com intuito de padronizar as informações, optou-se por não utilizar quaisquer outras fontes de dados além do censo agropecuário, mesmo que fossem provenientes do próprio IBGE ou de outras fontes oficiais, pois usam metodologias distintas. Ademais, para os objetivos deste estudo, o censo agropecuário é o levantamento mais completo disponível no País.

Dessa forma, a análise dos dados do Censo Agropecuário 2017 do IBGE é de importância estratégica, pois oferece um retrato detalhado e fundamental da realidade do setor agrícola nacional. Esse recenseamento fornece, portanto, um vasto conjunto de dados, cujo conhecimento é essencial

para a elaboração de políticas públicas alinhadas às necessidades do País, bem como para o planejamento estratégico do setor privado. Contudo, esses dados estão disponíveis em um formato de difícil compreensão para aqueles não familiarizados com as metodologias do IBGE ou que enfrentam dificuldades em extrair as informações desejadas.

Como o segmento de hortaliças é particularmente carente de informações sistematizadas, o presente estudo analisou alguns dados específicos do Censo Agropecuário 2017 sobre o tomate rasteiro, com o objetivo de compor um retrato da produção dessa hortaliça no Brasil.

O interesse da pesquisa, a partir dos dados oficiais do Censo Agropecuário 2017, consiste em elencar as regiões de interesse para, em seguida, realizar a sua caracterização. A região (ou regiões), aqui definida em termos de estado, microrregião e município, que concentra a maior parte da produção de tomate rasteiro foi denominada polo de produção. A região (ou regiões) que abrange a maior parte dos estabelecimentos agropecuários produtores foi denominada polo de produtores². O objetivo deste documento é subsidiar, em alguma medida, a elaboração de políticas públicas para o setor hortícola e o planejamento de pesquisas agrônomicas.

Nesse sentido, cabe ressaltar que diferentes perfis tecnológicos são potencialmente capazes de alterar (retardar ou acelerar) o processo de inovação produtiva, seja via mecanização ou adequação às instruções normativas da cadeia de produção. Torna-se fundamental, portanto, que se tenha conhecimento, mesmo que aproximado, das características que esboçam o perfil tecnológico e a realidade social e econômica desses polos. A análise dos polos é estratégica, pois, por vezes, o polo de produção não coincide com o polo de produtores, o que pode revelar diferenças importantes entre eles.

Foge ao escopo do presente documento esgotar a caracterização desses polos para além das variáveis previamente selecionadas. Trata-se, portanto,

¹ Até o momento, foram publicados estudos sobre polos de produção e de produtores de pimenta, pimentão e batata-doce pelas mesmas autoras.

² Definição escolhida pelos autores do presente documento e não faz menção ao conceito de “polos” da teoria da Economia Regional, que diverge do objetivo deste estudo.

de um instrumento de digressão, cuja análise poderá oferecer insumos para a identificação de possíveis gargalos ou de ações bem-sucedidas entre os polos, passíveis de serem explicados pelo nível de intensidade tecnológica dessas localidades. Por fim, é importante esclarecer que as autoras não identificaram outros estudos de abrangência nacional ou regional que indiquem os mesmos ou diferentes polos de produção e de produtores de tomate rasteiro a partir dos dados do IBGE ou de outra base de dados.

Material e métodos

A caracterização dos polos foi elaborada com base em variáveis do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2017), disponibilizadas pelo Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sidra). As variáveis utilizadas buscam refletir o nível tecnológico dos estabelecimentos agropecuários nas regiões mais relevantes em termos de produção e de estabelecimentos agropecuários produtores. Elas correspondem, de forma geral, ao acesso à orientação técnica, ao associativismo, ao nível educacional do produtor, ao acesso aos meios de comunicação, aos itens de capital (maquinários e implementos) e à utilização de práticas agrícolas.

Nesse contexto, cabe fazer algumas ressalvas. As informações dos censos agropecuários no Sidra/IBGE têm como desagregação os seguintes níveis territoriais: Brasil, grande região, unidade da Federação, região geográfica intermediária, região geográfica imediata, mesorregião, microrregião e município, além de outras identificações, como Semiárido, Semiárido de unidade da Federação e territórios de identidade. Ademais, dentro dessas desagregações, outros recortes são permitidos, como, por exemplo, tipologias de produção, grupos de atividade econômica, tipo de produção, etc.

No entanto, não é possível selecionar algumas variáveis para um produto específico, como o acesso à assistência técnica no caso cultivo de produtos

isolados da horticultura. A forma mais desagregada de expressar essa variável é descrever sua caracterização no conjunto de estabelecimentos agropecuários da unidade territorial “x”, pertencente ao grupo de atividade econômica “y”³. Ou seja, não é possível identificar o acesso à assistência técnica apenas para o grupo de estabelecimentos agropecuários que produziram tomate rasteiro, mas sim para o grupo de estabelecimentos agropecuários pertencentes à unidade territorial “x” (no caso do presente trabalho, polo de produção ou polo de produtor) e para o grupo de atividade econômica da horticultura⁴.

Para fins de análise, foram definidos os seguintes recortes: no âmbito do polo de produção, foram consideradas as unidades territoriais (unidades da Federação, microrregiões e municípios) responsáveis por 50% ou mais da produção em relação à sua unidade territorial predecessora imediata. Para os polos de produtores, por estarem geralmente mais dispersos dentro do território, optou-se por considerar as unidades territoriais (unidades da Federação, microrregiões e municípios) responsáveis por 20% ou mais do número de estabelecimentos agropecuários produtores em relação à sua unidade territorial predecessora imediata⁵. Se as unidades territoriais não atingirem esses percentuais mínimos, logo não se caracterizam como polos de produção ou de produtor.

As variáveis utilizadas na caracterização foram:

- a) Recebimento de orientação técnica pelo produtor.
- b) Participação do produtor em associação.
- c) Escolaridade do produtor.
- d) Acesso aos meios de comunicação (internet, telefone e correio eletrônico).
- e) Adoção de práticas agrícolas (adubação, aplicação de calcário ou corretivo de solo, uso de agrotóxico).
- f) Uso de sistemas de preparo do solo.
- g) Despesas com aquisições de sementes, mudas, corretivos de solo, agrotóxico.

³ São dez os grupos de atividade econômica disponíveis no IBGE: produção de lavouras temporárias; produção de lavouras permanentes; horticultura e floricultura; produção de sementes e mudas certificadas, pecuária e criação de outros animais, produção florestal (florestas plantadas); produção florestal (florestas nativas); pesca e aquicultura. Algumas variáveis, no entanto, não permitem o recorte por grupo de atividade econômica, por exemplo, nível de escolaridade, associativismo, acesso à internet e o uso de determinadas práticas agrícolas.

⁴ Em cada tabela, é indicado se a variável corresponde ao grupo de atividade da horticultura ou a todos os grupos de atividade econômica.

⁵ A identificação de microrregiões e municípios visa destacar as concentrações em cada unidade da Federação. Esse mapeamento também subsidiará uma próxima etapa do estudo: a pesquisa qualitativa *in loco*.

h) Presença de itens de capital, tais como tratores, implementos ou máquinas agrícolas e veículos em geral.

i) Uso de irrigação.

As variáveis foram analisadas em termos de participação percentual, quando possível, considerando apenas os estabelecimentos agropecuários pertencentes ao grupo de atividade da horticultura⁶. Algumas delas, no entanto, não oferecem essa

opção de recorte e, portanto, foram avaliadas com base na totalidade dos estabelecimentos agropecuários, abrangendo todos os grupos de atividade econômica. Para facilitar a compreensão, a Tabela 1 apresenta as variáveis utilizadas e a aplicação (ou não) do recorte para o grupo de atividade econômica da horticultura.

A assistência técnica estabelece um canal importante para a disponibilização e o acesso à informação no campo. É fundamental propor o desenvolvimento

Tabela 1. Variáveis utilizadas na caracterização dos estabelecimentos agropecuários, descrição e segmento considerados nos grupos de atividade econômica.

Variável	Descrição	Grupo de atividade econômica
Orientação técnica	Percentual de estabelecimentos agropecuários que receberam orientação técnica por tipo de assistência técnica recebida	Grupo da horticultura
Associativismo	Percentual de estabelecimentos agropecuários que pertenciam a algum tipo de associação e/ou entidade de classe, por tipo de associação	Todos os grupos de atividade
Nível educacional	Percentual de estabelecimentos agropecuários por nível educacional do produtor	Todos os grupos de atividade
Acesso aos meios de comunicação	Percentual de estabelecimentos agropecuários com acesso à internet, telefone e e-mail	Todos os grupos de atividade
Uso de adubação	Percentual de estabelecimentos agropecuários que usaram adubação por tipo de adubação	Todos os grupos de atividade
Uso de calcário e/ou corretivo de solo	Percentual de estabelecimentos agropecuários que usaram calcário e/ou corretivo de pH do solo	Todos os grupos de atividade
Uso de agrotóxico	Percentual de estabelecimentos agropecuários que usaram agrotóxico	Todos os grupos de atividade
Uso de práticas agrícolas	Percentual de estabelecimentos agropecuários que utilizaram práticas agrícolas e sistemas de preparo do solo	Todos os grupos de atividade
Despesas com aquisição de sementes e mudas	Percentual de estabelecimentos agropecuários que realizaram despesas com aquisição de sementes e mudas	Grupo da horticultura
Despesas com aquisição de adubos e corretivos	Percentual de estabelecimentos agropecuários que realizaram despesas com aquisição de adubos e corretivos	Grupo da horticultura
Despesas com aquisição de agrotóxico	Percentual de estabelecimentos agropecuários que realizaram despesas com aquisição de agrotóxico	Grupo da horticultura
Irrigação	Percentual de estabelecimentos agropecuários que realizaram irrigação por método de irrigação utilizado	Grupo da horticultura
Itens de capital	Percentual de estabelecimentos agropecuários que possuíam trator, máquinas agrícolas e veículos	Grupo da horticultura

⁶ A horticultura corresponde a um grupo específico de atividade econômica identificado pelo Censo Agropecuário do IBGE. O instituto disponibiliza dez os grupos de atividade econômica: produção de lavouras temporárias; produção de lavouras permanentes; horticultura e floricultura; produção de sementes e mudas certificadas; pecuária e criação de outros animais; produção florestal (florestas plantadas); produção florestal (florestas nativas); pesca; e aquicultura.

de atividades agrícolas economicamente viáveis e apropriadas à realidade do produtor rural. Junto à assistência técnica, o grau de organização dos produtores aparece como um meio estratégico para a superação de desvantagens relacionadas ao tamanho e à escala de produção para a obtenção de níveis sustentáveis de geração de renda (Souza Filho et al., 2011). Da mesma forma, o nível educacional é outra variável importante, que tem impactos positivos sobre o processo de modernização no campo.

O acesso à informação também constitui um fator associado à dinâmica tecnológica. Segundo Mendes et al. (2014), esse acesso proporciona uma série de benefícios aos seus usuários no meio rural. Entre eles, pode-se citar a redução de custos de comunicação entre agentes de toda a cadeia econômica, além da redução de custos de acesso aos serviços e às informações como, por exemplo, seguro, crédito e informações mercadológicas. Também pode reduzir os riscos relacionados aos eventos climáticos, quando viabilizado por sistemas de monitoramento e de informação acessíveis.

A disposição de itens de capital configura-se como uma importante *proxy* de intensificação tecnológica, pois relaciona-se à viabilização de potenciais ganhos de produtividade no setor agrícola. De acordo com Gasques et al. (2020), a disponibilidade de equipamentos e máquinas torna o trabalho mais produtivo, impulsionando o crescimento da produtividade.

Outro determinante da intensificação tecnológica diz respeito à inovação relacionada especialmente aos insumos e às técnicas de produção. Assim, junto às demais variáveis, foi analisado o uso de determinadas práticas agrícolas, como sistema de preparo do solo, adubação, aplicação de calcário e/ou corretivo de pH no solo e uso de agrotóxico. Nesse sentido, contemplou-se também o uso de irrigação, uma vez que tal prática é fundamental para o sucesso na produção da maioria das hortaliças, pois permite a suplementação hídrica necessária ao cultivo, mesmo em regiões úmidas ou durante estações chuvosas (Marouelli; Silva, 2011).

Resultados

Polo de produção de tomate rasteiro

No Brasil, a quantidade produzida de tomate rasteiro, de acordo com os dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2017), foi de 1.143.922 t, o

que gerou um valor de R\$ 583.632.000. A produção ocorreu em 5.427 estabelecimentos agropecuários em vários estados brasileiros, como pode ser observado na Figura 1.

Os estados que responderam por 93,9% da produção brasileira de tomate rasteiro foram Goiás, Bahia, Minas Gerais e São Paulo. O estado de Goiás destacou-se como o maior produtor, respondendo por 57,9% da produção nacional e somente 1,5% do total de estabelecimentos agropecuários produtores dedicados ao cultivo dessa hortaliça (Tabela 2). Diante da expressiva representatividade goiana no cenário nacional, a caracterização a seguir dará ênfase a essa unidade da Federação.

Tipologia dos estabelecimentos agropecuários

De modo geral, a agricultura patronal prevaleceu em Goiás, tanto em volume produzido (98,6%) quanto em número de estabelecimentos agropecuários produtores (93,9%). Em contrapartida, a agricultura familiar respondeu por menos de 2% da produção e por 6,1% dos estabelecimentos, como pode ser observado na Figura 2.

Grupos de área dos estabelecimentos agropecuários

Em uma análise por grupo de área (tamanho dos estabelecimentos agropecuários), foi observado que 66,4% da produção e 80,4% dos estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro em Goiás concentraram-se em propriedades com área superior a 200 ha (Figura 3).

Microrregiões e municípios mais importantes

As principais microrregiões produtoras de tomate rasteiro em Goiás podem ser visualizadas na Figura 4. Os territórios do entorno de Brasília, Meia Ponte, Vale do Rio dos Bois e Pires do Rio destacaram-se pelo expressivo volume produzido em relação às demais microrregiões do estado.

A Figura 5 apresenta as estatísticas relacionadas à produção, ao número de estabelecimentos agropecuários produtores e ao valor da produção de tomate rasteiro nas duas principais microrregiões produtoras: entorno de Brasília e Meia Ponte. Embora o volume produzido tenha se distribuído em parcelas semelhantes entre ambas, o entorno de Brasília revelou maior concentração produtiva, caracterizada por uma elevada relação de produção por estabelecimento agropecuário.

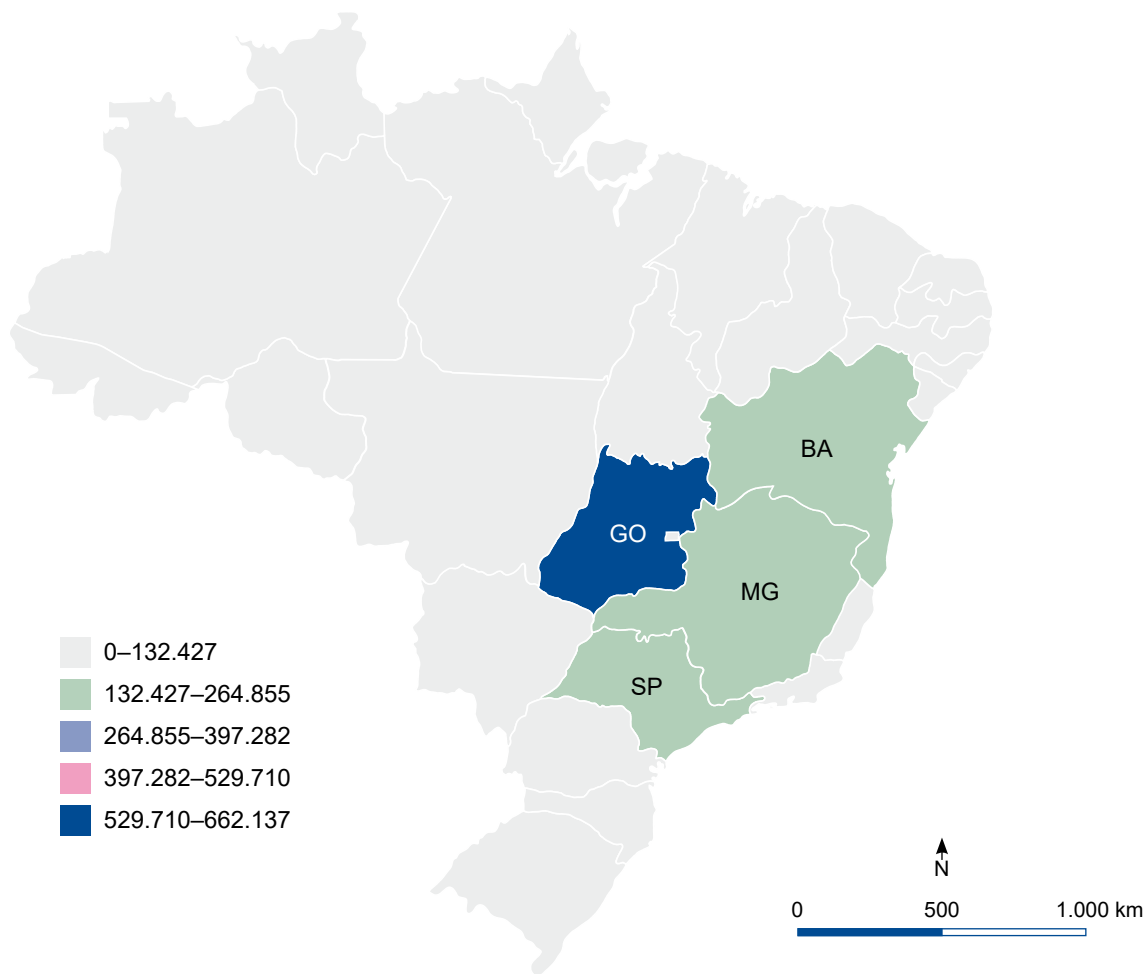


Figura 1. Quantidade produzida (t) de tomate rasteiro por unidade da Federação, no ano de 2017.
Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Tabela 2. Principais polos de produção de tomate rasteiro, quantidade produzida (t) e participação no total nacional da produção e de estabelecimentos agropecuários.

Unidade territorial	Quantidade produzida (t)	Participação na produção brasileira (%)	Participação no total de estabelecimentos produtores (%)	Participação na área colhida total (%)
Goiás	662.137	57,9	1,5	45,2
Bahia	141.699	12,4	33,5	20,3
Minas Gerais	137.488	12,0	0,3	7,9
São Paulo	132.966	11,6	9,3	15,6
Demais	69.632	6,1	55,4	10,9
Brasil	1.143.922	100,0	100,0	100,0

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

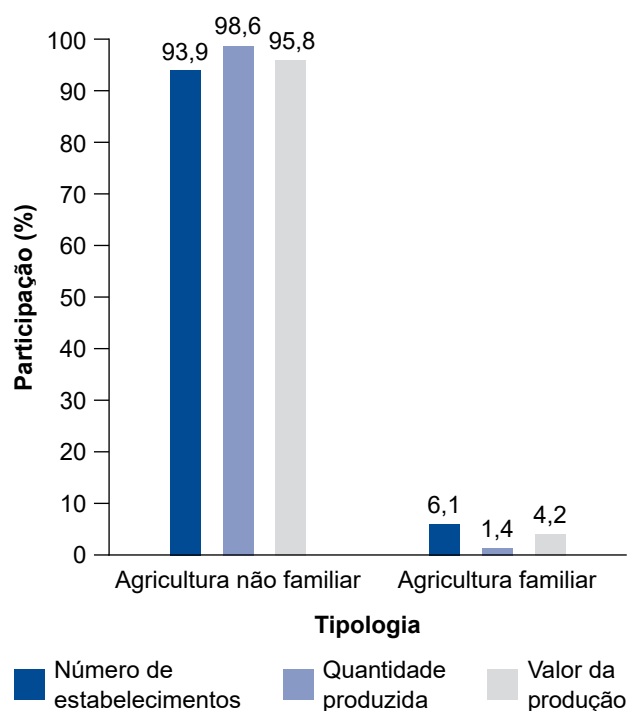


Figura 2. Participação percentual da agricultura familiar e não familiar no número de estabelecimentos agropecuários, produção e valor da produção de tomate rasteiro no estado de Goiás.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

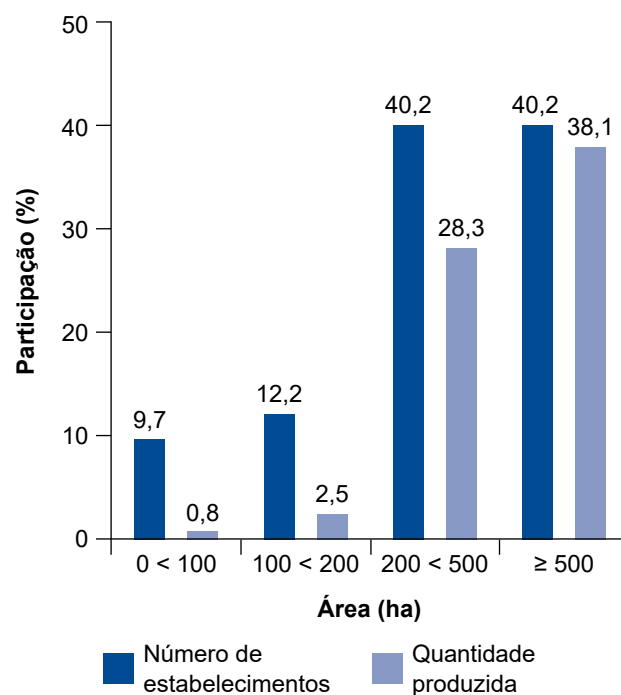


Figura 3. Percentual de estabelecimentos produtores e da quantidade produzida de tomate rasteiro, por grupo de área, no estado de Goiás.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

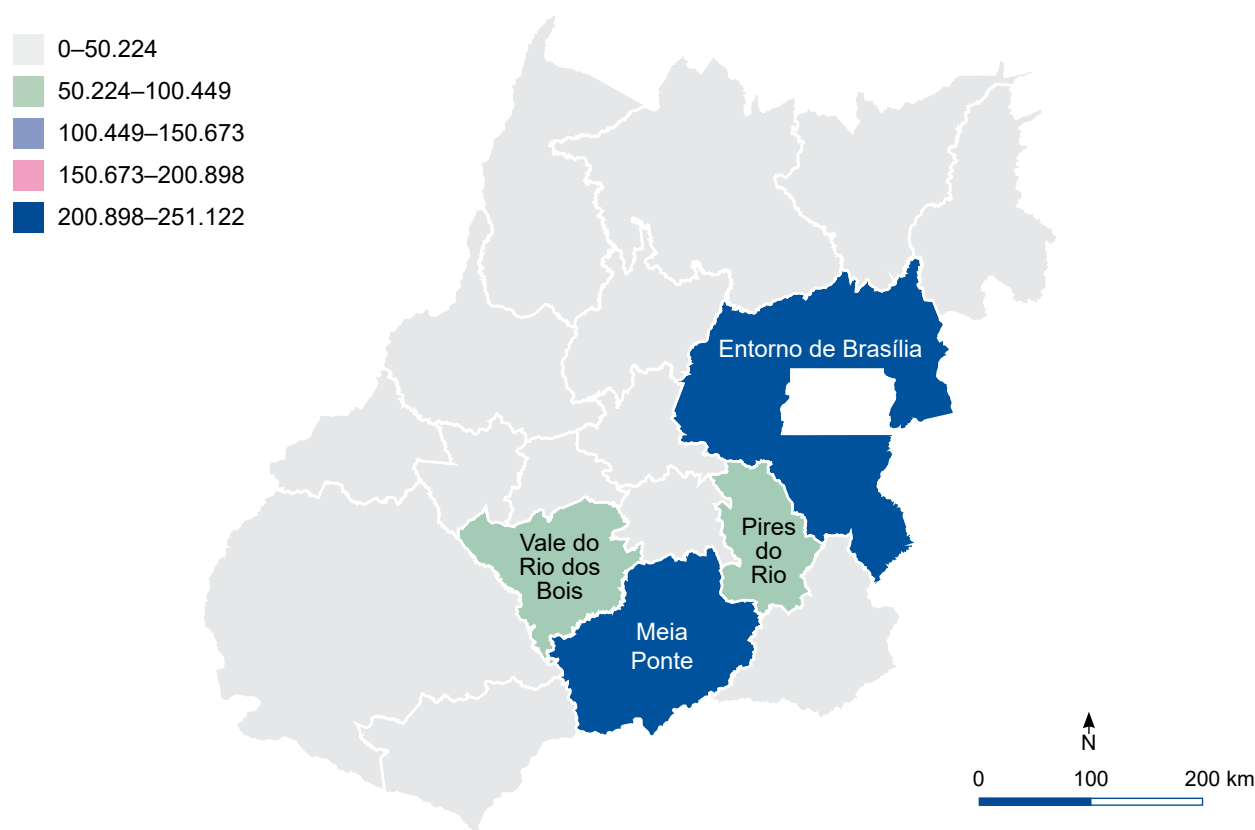


Figura 4. Quantidade produzida (t) de tomate rasteiro nas microrregiões do estado de Goiás, no ano de 2017.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

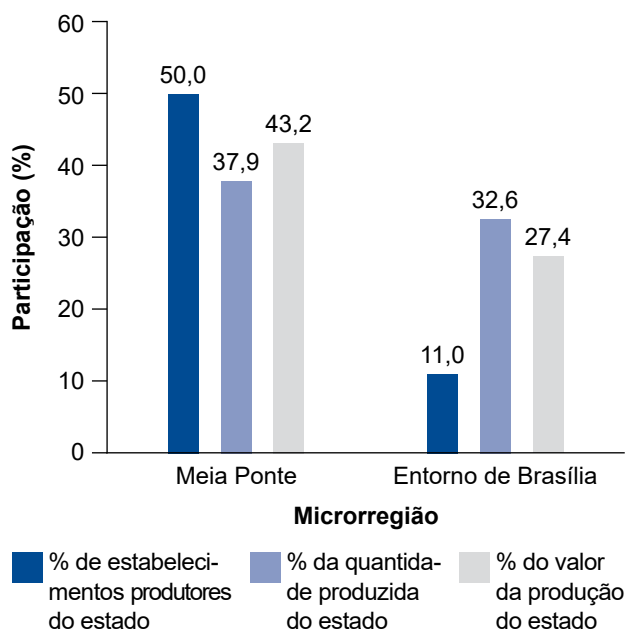


Figura 5. Participação das microrregiões do entorno de Brasília e Meia Ponte na quantidade produzida, no valor da produção e no total de estabelecimentos produtores de tomate rasteiro, em relação ao total do estado de Goiás.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Em relação aos municípios com maior produção de tomate rasteiro, na microrregião de Meia Ponte, destacaram-se os municípios de Morrinhos e Pira-canjuba, que responderam por 70% da produção da microrregião. Já no entorno de Brasília, destacou-se o município de Cristalina, responsável por 87% da produção regional. As quantidades produzidas nas microrregiões e em seus respectivos municípios podem ser consultadas na Tabela A1 do Apêndice A deste documento.

Polos de produtores de tomate rasteiro

O número de estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro, segundo o Censo Agropecuário 2017, foi de 5.427 e esteve distribuído entre algumas unidades da Federação, concentrando-se especialmente nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul como mostra a Figura 6.

O estado da Bahia respondeu por 33,5% desses estabelecimentos, seguido pelo Paraná e por São Paulo, que correspondem a 21,9% desse indicador. Juntos, esses três estados somam 55,4% do total de estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro do País (Tabela 3). Diante do fato de a Bahia apresentar o maior número de estabelecimentos agropecuários voltados ao cultivo dessa

hortaliça no País, a caracterização a seguir dará ênfase a essa unidade da Federação.

Tipologia dos estabelecimentos agropecuários

No estado da Bahia, embora a agricultura familiar predomine em número de estabelecimentos agropecuários produtores, a maior parte do volume de tomate rasteiro colhido (59,9%) pertence à agricultura patronal (Figura 7). Apesar dessa concentração, a participação da agricultura familiar na quantidade produzida (40,1%) é expressiva.

Grupos de área dos estabelecimentos agropecuários

Em uma análise por classes de tamanho dos estabelecimentos agropecuários, observa-se que os estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro concentraram-se em grupos de área inferior a 20 ha (Figura 8). Em contrapartida, o volume produzido localizou-se notadamente em grupos de área superior a 20 ha, com forte concentração produtiva acima de 100 ha, faixa na qual apenas 8,1% de propriedades responderam por 17,4% da produção do estado.

Microrregiões e municípios mais importantes

As microrregiões baianas mais importantes em termos de número de estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro estão apresentadas na Figura 9. Os territórios de Irecê, Senhor do Bonfim e Jacobina destacaram-se em relação às demais microrregiões do estado da Bahia nesse indicador.

A microrregião de Irecê concentrou a maior parcela de estabelecimentos agropecuários produtores do estado, com 34,6% do total (Figura 10). Somada ao território do Senhor do Bonfim, essa região totalizou 53,2% dos estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro e 56% do volume produzido na Bahia.

Em relação aos municípios, na microrregião de Irecê, destacam-se os municípios de Cafarnaum, Mulungu do Morro e Canarana, que responderam por 55% dos estabelecimentos agropecuários produtores da microrregião. Na microrregião de Senhor do Bonfim, destaca-se o município de Campo Formoso, que respondeu por 97% dos estabelecimentos produtores da microrregião. As informações sobre o número de estabelecimentos produtores para as microrregiões e os respectivos municípios analisados no estado da Bahia podem ser consultadas na Tabela A2 do Apêndice A deste documento.

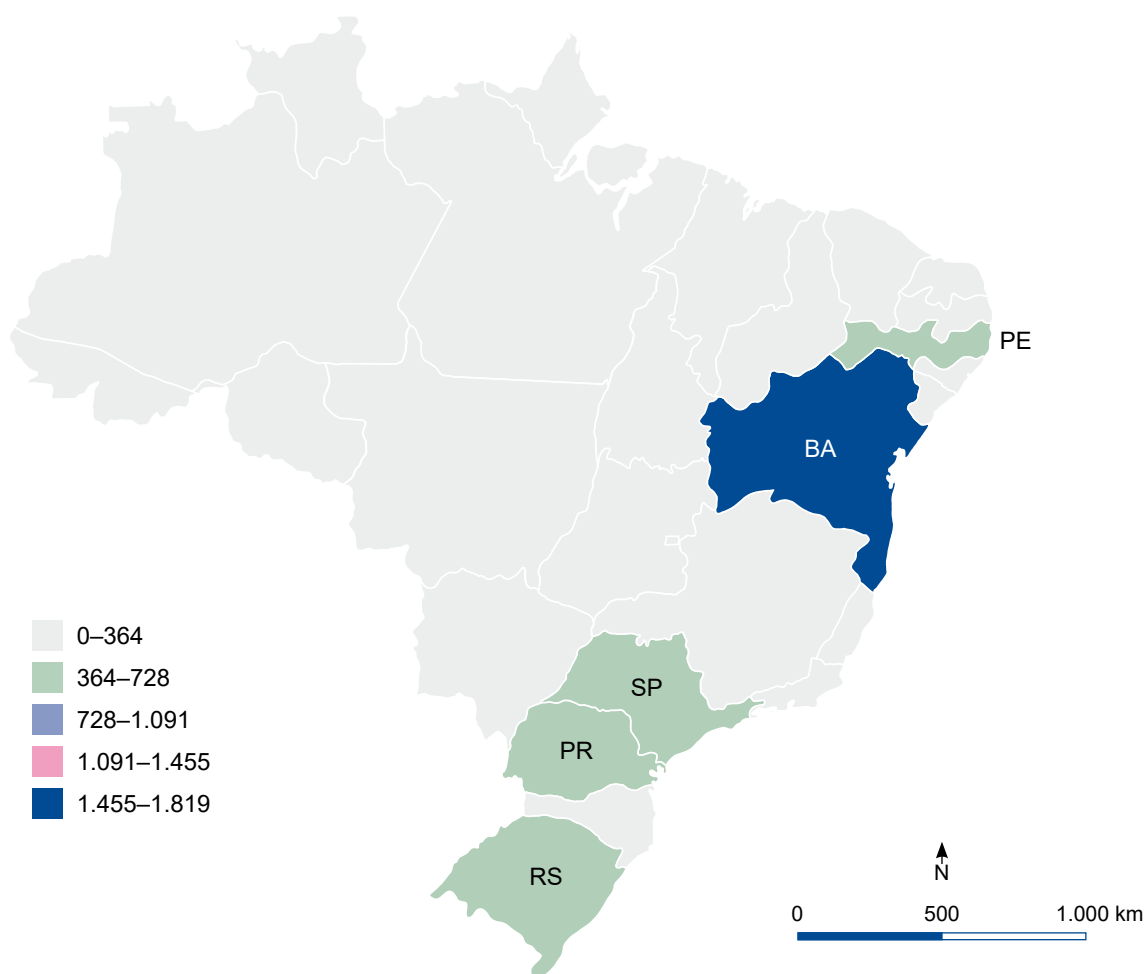


Figura 6. Número de estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro por unidade da Federação, no ano de 2017.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Tabela 3. Principais polos de tomate rasteiro, número de estabelecimentos produtores e participação no total nacional de estabelecimentos agropecuários produtores e da quantidade produzida de tomate rasteiro no Brasil.

Unidade territorial	Número de estabelecimentos produtores	Participação no total de estabelecimentos produtores (%)	Participação na produção brasileira (%)	Participação na área colhida total (%)
Bahia	1.819	33,5	12,4	20,3
Paraná	684	12,6	0,9	1,4
São Paulo	506	9,3	11,6	15,6
Demais	2.418	44,6	75,0	62,6
Brasil	5.427	100,0	100,0	100,0

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

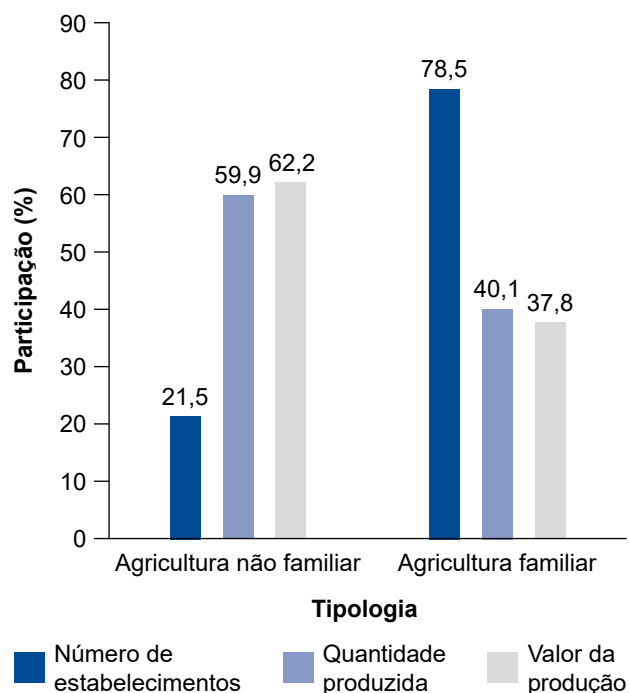


Figura 7. Participação percentual da agricultura familiar e não familiar no número de estabelecimentos agropecuários, quantidade produzida e valor da produção de tomate rasteiro, no estado da Bahia.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

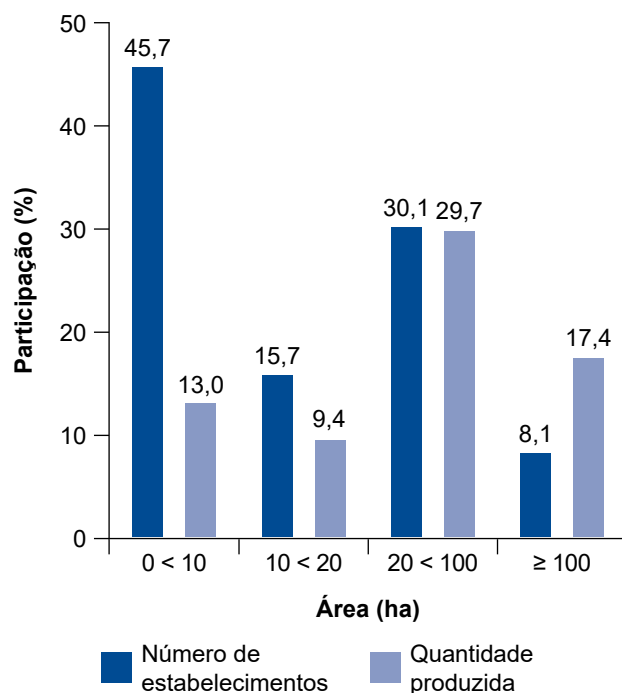


Figura 8. Percentual dos estabelecimentos produtores e da quantidade produzida de tomate rasteiro, por grupo de área, no estado da Bahia.

Nota: devido a informações faltantes na base do Censo Agropecuário 2017, a soma não alcança o total de 100%.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

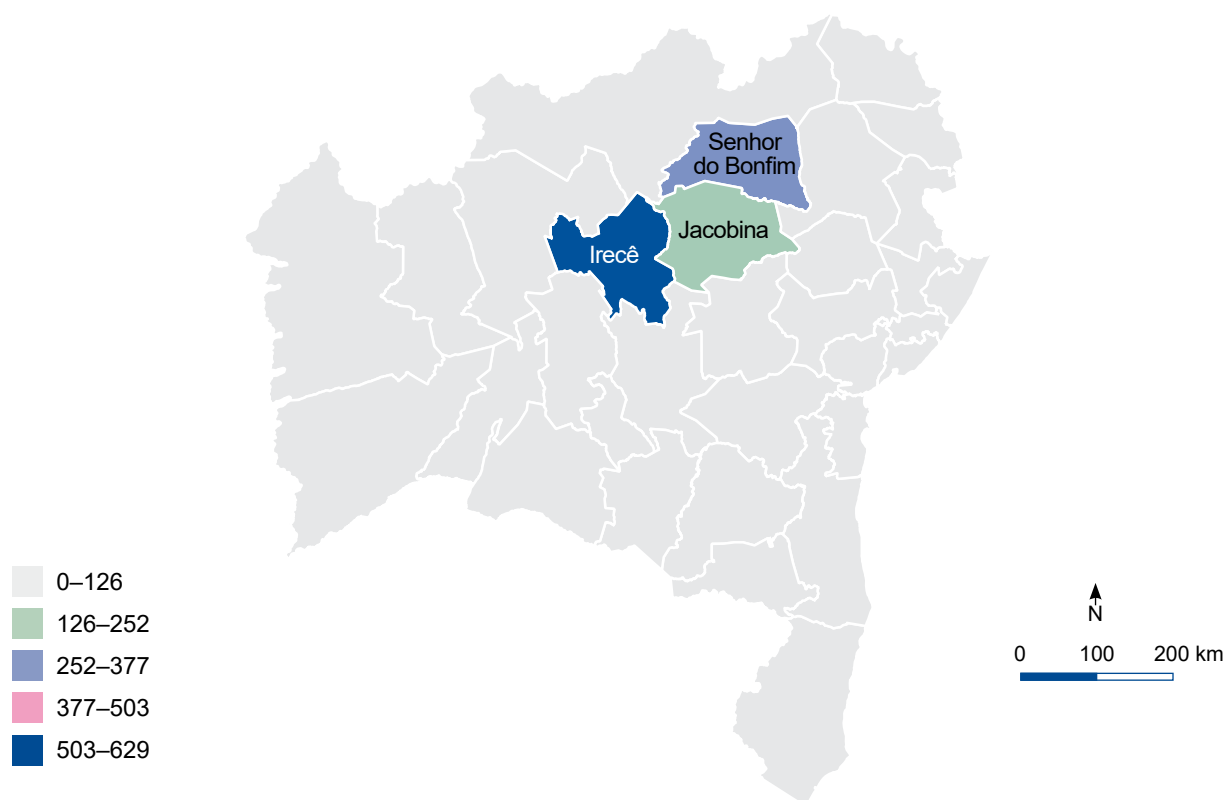


Figura 9. Número de estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro, nas microrregiões do estado da Bahia, no ano de 2017.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

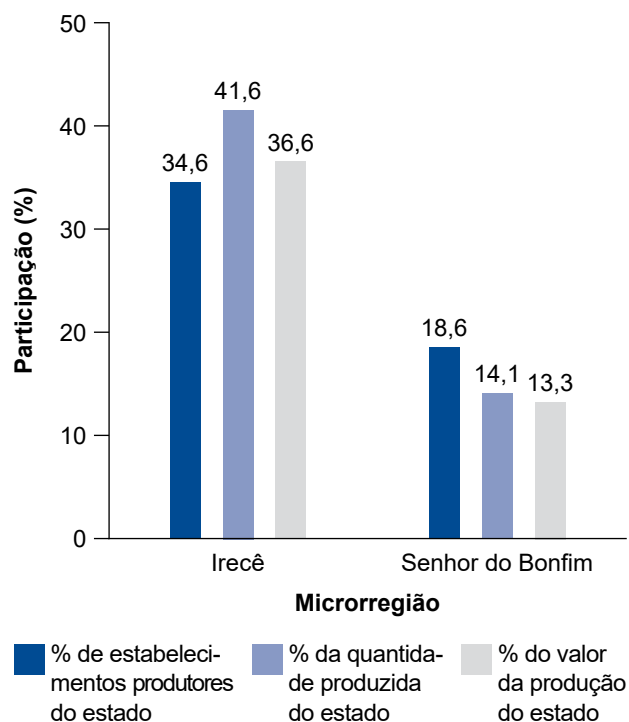


Figura 10. Participações das microrregiões de Irecê e Senhor do Bonfim na quantidade produzida, no valor da produção e no total de estabelecimentos produtores de tomate rasteiro, em relação ao estado da Bahia.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Perfil produtivo nos polos de produção e de produtores

A análise a seguir integra variáveis com diferentes níveis de agregação. Reitera-se a importância de consultar a Tabela 1 (Material e Métodos) para evitar a inferência incorreta de que os indicadores de perfil produtivo se restringem exclusivamente aos produtores de tomate indústria. Em razão da impossibilidade de desagregação por cultura na base de dados do Sidra, tais indicadores refletem o perfil produtivo dos polos de produção e de produtores como um todo, servindo como *proxies* do contexto em que a cultura está inserida.

Importância da horticultura e destino da produção

Considerando o perfil produtivo nos polos de produção e de produtores, foi observado que a horticultura não se tratou de uma atividade relevante em termos econômicos para os estabelecimentos agropecuários. Observa-se, na Tabela 4, que a horticultura esteve presente, em média, em 12,9% e 9% dos estabelecimentos agropecuários dos polos

Tabela 4. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários e do valor da produção total, por grupos de atividade econômica, e percentual de estabelecimentos agropecuários segundo o destino da produção nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável		Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
		Mi	Mu	Mi	Mu
Estabelecimentos agropecuários	Produção animal	88,5	88,1	71,5	60,7
	Produção vegetal	41,6	38,0	65,8	76,0
	Lavouras permanentes	7,4	6,4	13,8	12,5
	Lavouras temporárias	87,8	87,3	86,4	91,0
	Horticultura	13,3	12,5	9,0	8,9
Valor da produção	Produção animal	25,9	26,1	46,5	24,0
	Produção vegetal	74,1	73,9	53,5	76,0
	Lavouras permanentes	5,6	6,3	21,9	16,5
	Lavouras temporárias	91,2	91,5	62,2	76,7
	Horticultura	1,6	1,3	10,2	6,3
Estabelecimentos agropecuários	Consumo próprio	22,8	21,8	40,5	21,7
	Comercialização	77,2	78,2	59,5	78,3

Os percentuais correspondem a todos os grupos de atividade econômica.

Lavouras permanentes, temporárias e horticultura fazem parte da produção vegetal. Outros itens dessa categoria no Sidra/IBGE são: floricultura, silvicultura e extração vegetal.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

de produção e de produtores, respectivamente. Em termos de valor, a horticultura representou uma parcela inferior a 2% da produção vegetal no polo de produção e, em média, 8,3% no polo de produtores.

A finalidade da produção dos estabelecimentos agropecuários foi comercial no polo de produção. O mesmo foi verificado no polo de produtores, embora a parcela da produção destinada ao consumo próprio tenha sido mais elevada nas microrregiões desse polo em relação às demais localidades analisadas.

Receitas

Na Tabela 5, observa-se que mais de 80% dos estabelecimentos agropecuários obtiveram receitas com a atividade econômica da produção, embora esta tenha representado uma parcela significativamente menor do valor das receitas totais dessas propriedades no polo de produtores. Nos municípios do polo de produtores, as receitas da produção dos estabelecimentos representaram 33,6% da receita total. No polo de produção, esse percentual foi superior a 90%.

A categoria “outras receitas do produtor” diz respeito aos valores não provenientes da atividade produtiva dos estabelecimentos agropecuários. Dentro

dessa categoria, as receitas de aposentadorias, pensões e de atividades realizadas fora dos estabelecimentos tiveram maior relevância na composição da receita total dos produtores em ambos os polos. Ressalta-se, ainda, o percentual elevado de estabelecimentos agropecuários que receberam receitas provenientes de programas governamentais no polo de produtores.

Indicadores de intensidade tecnológica nos polos de produção e de produtores

A análise a seguir integra variáveis com diferentes níveis de agregação. Reitera-se a importância de consultar a Tabela 1 (Material e Métodos) para evitar a inferência incorreta de que os indicadores de intensidade tecnológica se restringem exclusivamente aos produtores de tomate rasteiro. Em razão da impossibilidade de desagregação por cultura na base de dados do Sidra, tais indicadores refletem o perfil tecnológico dos polos de produção e de produtores como um todo, servindo como *proxies* do contexto em que a cultura está inserida.

Tabela 5. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários com receita e percentual médio da receita total, por categoria de receita, para o grupo de atividade da horticultura nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável		Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
		Mi	Mu	Mi	Mu
Estabelecimentos agropecuários	Receitas da produção	94,4	85,1	95,9	81,6
	Outras receitas do produtor	41,0	39,2	75,6	79,0
	Aposentadorias e pensões	47,6	45,3	30,0	26,7
	Atividades fora do estabelecimento	48,3	57,8	32,9	43,2
	Programas governamentais	7,7	0,6	45,1	47,2
Receita total	Receitas da produção	91,0	93,9	66,6	33,6
	Outras receitas do produtor	7,9	1,4	32,0	19,6
	Aposentadorias e pensões	42,5	–	47,7	–
	Atividades fora do estabelecimento	27,8	76,5	42,2	–
	Programas governamentais	0,7	–	8,4	–

Os percentuais correspondem ao grupo de atividade econômica da horticultura.

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

Aposentadorias e pensões, atividades realizadas fora dos estabelecimentos agropecuários e programas governamentais são desagregações da categoria “outras receitas do produtor”.

– Significa zero absoluto ou ausência de informação.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Orientação técnica e associativismo

Os indicadores de orientação técnica e associativismo podem ser observados na Tabela 6. Em ambos os polos, o acesso à orientação técnica foi limitado, considerando que, em média, o percentual de estabelecimentos agropecuários da horticultura com orientação técnica foi de 25,9% no Brasil – para todos os grupos de atividade econômica, esse percentual foi de 20,2% (IBGE, 2017). No polo de produtores, esse percentual foi ainda mais baixo.

No polo de produção, entre os estabelecimentos agropecuários que receberam orientação técnica, prevaleceu aquela de origem própria ou do próprio produtor⁷. No polo de produtores, prevaleceu a orientação técnica proveniente do governo (federal,

estadual ou municipal). A orientação técnica prestada por empresas integradoras, com as quais o produtor tem contrato de integração, teve participação mais expressiva no polo de produtores em relação ao polo de produção.

Não houve grandes distinções em relação ao percentual de estabelecimentos agropecuários associados entre os polos, embora tenha sido relativamente menor nas microrregiões do polo de produção. Nesse caso, a distinção maior foi no âmbito do tipo de associação. Enquanto no polo de produção prevaleceu a associação em cooperativas, no polo de produtores foi mais significativa a participação em entidades de classe e/ou sindicatos, associações de moradores e, em menor parcela, em movimentos comunitários.

Tabela 6. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários que receberam orientação técnica e de associados à cooperativa e/ou entidades de classe, por tipo de assistência e de associação, nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Recebeu orientação técnica (OT)	19,9	26,2	13,7	4,6
Origem da OT – governo	29,5	23,1	46,3	70,1
Origem da OT – própria ou do próprio produtor	50,1	54,2	25,1	5,1
Origem da OT – cooperativa	11,3	21,5	9,3	–
Origem da OT – empresas integradoras	2,1	2,1	6,5	11,1
Origem da OT – empresas privadas de planejamento	4,7	–	4,2	13,7
Origem da OT – ONGs	0,7	–	1,4	–
Origem da OT – Sistema S	0,7	–	1,4	2,5
Origem da OT – outras formas	6,1	2,1	11,1	–
Pertencia à associação	28,4	44,9	40,4	30,8
Tipo de associação – cooperativas	58,1	88,9	3,7	1,5
Tipo de associação – entidade de classe e/ou sindicatos	25,9	16,5	40,7	41,6
Tipo de associação – movimento de produtores	15,9	5,4	37,5	29,7
Tipo de associação – movimento de moradores	11,8	2,8	36,5	42,2

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

– Significa zero absoluto.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

⁷ Orientação técnica prestada por técnicos contratados pelo produtor ou quando a pessoa que administra o estabelecimento possui habilitação técnica ou formação profissional legalmente autorizada a prestar assistência às atividades desenvolvidas no estabelecimento (IBGE, 2017).

Escolaridade do produtor

Considerando o nível de escolaridade dos produtores, verificou-se que o percentual de estabelecimentos agropecuários cujo produtor tinha, no máximo, o ensino fundamental completo foi significativamente maior no polo de produtores (Tabela 7). Entretanto, produtores com ensino superior ou maior grau de formação abrangeram uma parcela maior de estabelecimentos agropecuários no polo de produção. Consta-se, assim, que, em média, o grau de escolarização dos produtores é maior no polo de produção em relação ao polo de produtores de tomate rasteiro.

Meios de comunicação

No que diz respeito aos meios de comunicação, não houve grandes distinções entre os polos

no âmbito do acesso à internet (Tabela 8), cujos índices, em média, aproximaram-se do patamar nacional (28,2%). O percentual de estabelecimentos agropecuários cujos produtores possuíam telefone foi menor no polo de produtores. Esse mesmo comportamento foi verificado em relação ao uso de correio eletrônico, também, com menor expressividade no polo de produtores.

Itens de capital

Os percentuais relativos aos itens de capital nos polos podem ser consultados na Tabela 9. De modo geral, o nível de tecnificação é semelhante entre os polos de produção e de produtores, ainda que haja diferenças em algumas variáveis.

Tabela 7. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários, por nível de escolaridade do produtor, nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Baixa escolaridade	34,3	31,0	57,3	48,8
Ensino fundamental	26,1	29,0	24,7	32,5
Ensino médio	23,8	24,7	15,5	16,8
Ensino superior ou mais	15,2	14,9	2,3	1,8

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

Baixa escolaridade: estabelecimentos agropecuários cujos produtores nunca frequentaram a escola, possuíam classe de alfabetização (CA), alfabetização de jovens e adultos (AJA) ou o antigo curso primário (elementar). Ensino fundamental: estabelecimentos agropecuários cujos produtores frequentaram o antigo curso ginasial (médio de primeiro ciclo), o ensino fundamental regular (ou de primeiro grau), ou a educação de jovens e adultos (EJA) e supletivo de primeiro grau. Ensino médio: estabelecimentos agropecuários cujos produtores frequentaram o antigo curso científico ou clássico (médio de segundo ciclo), o ensino médio regular (ou de segundo grau), o ensino médio técnico, ou a educação de jovens e adultos e supletivo de segundo grau. Ensino superior ou mais: estabelecimentos agropecuários cujos produtores frequentaram o ensino superior (graduação), mestrado ou doutorado.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Tabela 8. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários, por acesso aos meios de comunicação (internet, telefone e correio eletrônico), nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Acesso à internet	28,6	23,3	26,5	31,3
Possui telefone	79,7	78,1	58,5	63,2
Possui correio eletrônico	6,5	6,0	2,2	2,6

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Preparo do solo e outras práticas agrícolas

O uso de sistemas de preparo do solo e de outras práticas agrícolas relaciona-se diretamente com a potencialização e manutenção da capacidade produtiva das atividades agrícolas exercidas nos estabelecimentos agropecuários. Os sistemas de preparo do solo, relacionados à prática de cultivo convencional, cultivo mínimo ou plantio direto na palha, foram comuns em ambos os polos, porém corresponderam a um percentual significativamente maior de estabelecimentos agropecuários no polo de produtores (Tabela 10). Em contrapartida, constatou-se uma baixa adesão à prática de plantio em nível no polo de produtores.

Adubação, correção do solo e uso de agrotóxicos e algumas despesas

Verifica-se, na Tabela 11, que percentual de estabelecimentos agropecuários que utilizaram a adubação foi significativamente menor no polo de produtores em relação ao polo de produção. No polo de produção, houve destaque para o uso da adubação química, ao passo que, no polo de produtores, a maior expressividade foi da adubação orgânica. Esse mesmo comportamento foi observado quanto ao uso de corretivos de solo e de agrotóxicos, cujas diferenças entre os polos foram ainda mais amplas.

No tocante às despesas com aquisição de corretivos, adubos, sementes, mudas e agrotóxicos por parte dos estabelecimentos hortícolas, os gastos

Tabela 9. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários que possuíam tratores, implementos e/ou máquinas agrícolas e meios de transporte, por tipo de meio de transporte, nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Tratores ⁽¹⁾	19,2	21,8	13,9	8,5
Implementos e máquinas agrícolas ⁽²⁾	7,2	6,3	12,1	5,9
Meios de transporte	19,9	19,3	32,7	46,6
Meios de transporte – caminhão	4,9	6,7	1,2	1,2
Meios de transporte – utilitários	9,2	7,5	3,9	3,8
Meios de transporte – motos	9,9	9,6	30,3	44,3

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

⁽¹⁾ A categoria de tratores abrange todas as potências.

⁽²⁾ A categoria de implementos e/ou máquinas agrícolas corresponde aos estabelecimentos agropecuários que possuíam semeadeiras, adubadeiras e colheitadeiras.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Tabela 10. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários que realizou sistema de preparo do solo e prática agrícola, por tipo de prática agrícola, nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Utiliza sistema de preparo do solo ⁽¹⁾	41,7	36,5	60,1	65,0
Utiliza prática agrícola	35,0	40,9	50,3	64,9
Prática agrícola – plantio em nível	34,9	32,6	3,2	0,7
Prática agrícola – rotação de culturas	38,8	47,9	30,5	31,6
Prática agrícola – pousio e descanso	22,0	22,3	30,5	35,9

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

⁽¹⁾ A categoria “sistema de preparo do solo” inclui o número de estabelecimentos agropecuários que utilizaram pelo menos um dos seguintes métodos: cultivo convencional, cultivo mínimo e plantio direto na palha.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

com adubos e corretivos representaram uma parcela mais significativa dos estabelecimentos agropecuários em relação às demais despesas selecionadas. Os desembolsos com sementes e mudas corresponderam a um percentual maior de estabelecimentos agropecuários no polo de produtores, enquanto as despesas com a aquisição de agrotóxicos foram mais equilibradas entre ambos os polos (de produção e de produtores).

Irrigação

O uso de irrigação foi uma prática comum entre os estabelecimentos agropecuários dos polos de produção e de produtores, sendo relativamente mais expressiva, em termos percentuais, no polo de produtores (Tabela 12). Em relação aos métodos utilizados, o gotejamento e a microaspersão prevaleceram nas propriedades de ambas as localidades.

Tabela 11. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários que utilizaram adubação, por tipo de adubação, calcário e/ou corretivo de pH do solo e agrotóxicos, e percentual médio de estabelecimentos agropecuários da horticultura que realizaram despesas com aquisições de sementes, mudas, adubos, corretivos e agrotóxicos, nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) pertencentes dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Utilizou adubação	43,3	42,6	17,9	25,7
Adubação – química	56,5	53,6	34,7	47,5
Adubação – orgânica	14,3	12,2	53,3	32,7
Adubação – química e orgânica	29,2	34,2	11,9	19,7
Utilizou calcário e/ou corretivo de pH do solo	25,7	29,0	1,1	1,7
Utilizou agrotóxico	24,3	30,7	7,0	13,2
Realizou despesas com aquisição de adubos e corretivos	90,7	88,7	80,2	70,4
Realizou despesas com aquisição de sementes e mudas	74,9	58,0	74,6	71,5
Realizou despesas com aquisição de agrotóxicos	44,2	45,4	47,2	38,2

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Tabela 12. Percentual (%) médio de estabelecimentos agropecuários que utilizaram irrigação, por método de irrigação, nas microrregiões (Mi) e nos municípios (Mu) dos polos de produção e de produtores de tomate rasteiro.

Variável	Polo de produção (GO)		Polo de produtores (BA)	
	Mi	Mu	Mi	Mu
Utilizou irrigação	67,0	53,8	81,6	72,0
Irrigação – gotejamento	34,1	25,1	49,3	72,9
Irrigação – microaspersão	18,4	15,9	31,5	16,4
Irrigação – outros métodos localizados ⁽¹⁾	3,9	5,4	2,0	2,9
Irrigação – superfície ⁽²⁾	0,7	–	2,7	2,0
Irrigação – aspersão ⁽³⁾	2,7	8,4	3,8	2,1
Irrigação – aspersão convencional	40,5	51,9	3,1	3,0
Irrigação – molhação ⁽⁴⁾	15,5	16,5	28,6	18,5

Os percentuais desconsideram informações omitidas ou ausentes na base de dados do Censo Agropecuário do IBGE.

⁽¹⁾ Número de estabelecimentos agropecuários que utilizaram os métodos de irrigação localizada por outros meios ou o método subsuperficial.

⁽²⁾ Número de estabelecimentos agropecuários que irrigaram pelos métodos de inundação, sulcos ou outros sistemas de superfície.

⁽³⁾ Número de estabelecimentos agropecuários que irrigaram pelos métodos de pivô central, autopropelido e/ou carretel enrolador.

⁽⁴⁾ Número de estabelecimentos agropecuários que utilizaram métodos manuais de irrigação, por meio de mangueiras, baldes e regadores.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Considerações finais

O estado de Goiás correspondeu ao polo de produção, e o estado da Bahia, ao polo de produtores. A produção patronal de tomate rasteiro foi uma característica do polo de produção, ao contrário do que ocorreu no polo de produtores. Nesse sentido, enquanto parcela significativa da produção (66,4%) e dos estabelecimentos agropecuários produtores (80,4%) de tomate rasteiro no estado de Goiás estiveram localizadas em grupos de área superior a 200 ha, na Bahia a maior parte da produção (52,1%) ficou restrita aos grupos de área inferior a 100 ha. Nesse estado, mais da metade dos estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro (61,4%) estava localizada em grupos de área inferior a 20 ha.

De modo geral, a horticultura não representou uma atividade importante para os estabelecimentos agropecuários dos polos analisados relativo à sua participação no valor da produção vegetal frente a outras atividades, como a produção de lavouras. Entretanto, a comercialização direta foi o principal destino da produção desses estabelecimentos. Embora 89,3% (a média) dos estabelecimentos agropecuários dos polos analisados obtivessem receita com a produção, a sua participação no faturamento total dos estabelecimentos, em termos de valor, foi significativamente menor no polo de produtores.

Em relação aos indicadores de intensidade tecnológica, as diferenças mais significativas entre os polos de produção e de produtores ocorreram em aspectos da modalidade da orientação técnica utilizada, no tipo de associação a qual o agricultor pertencia e no método de irrigação adotado. De modo geral, as divergências mais marcantes entre os polos estiveram relacionadas ao nível de escolaridade do produtor e ao uso de práticas agrícolas, como adubação, correção de solos e agrotóxicos. Para essas variáveis, os percentuais observados no polo de produtores foram significativamente menores em relação aos do polo de produção. Quanto aos demais aspectos analisados, não houve grandes diferenças entre os polos.

O desafio central para a Embrapa Hortaliças reside na estruturação de um processo sistemático e eficaz de priorização, mecanismo fundamental para a legitimação de sua função e para a otimização da alocação de recursos físicos, humanos e financeiros em áreas de impacto. Para que a agenda de pesquisa agrônoma gerada responda efetivamente às necessidades da sociedade brasileira, torna-se imperativo que as prioridades sejam estabelecidas

a partir de uma interpretação rigorosa e atualizada da realidade produtiva nacional. Nesse sentido, a análise dos principais dados do Censo Agropecuário 2017 sobre o tomate rasteiro proveu um retrato da referida realidade, ainda que de baixa resolução. O valor primordial dessa etapa quantitativa reside em indicar as áreas prioritárias para a continuidade da pesquisa.

O passo subsequente, portanto, deve ser a realização de pesquisas qualitativas *in loco*, por meio da aplicação de questionários e/ou realização de entrevistas, nos polos identificados (polos de produção e de produtores). Esse aprofundamento é crucial para dissecar os principais fatores que impulsionam ou retardam a produção, sejam eles tecnológicos (gargalos relacionados a manejo, cultivares e insumos, por exemplo) ou não tecnológicos (aspectos socioeconômicos, acesso a crédito, educação, mão de obra e logística, por exemplo). Recomenda-se que os levantamentos qualitativos *in loco* sejam realizados nos municípios identificados no presente estudo.

O conhecimento detalhado desses elementos permite não apenas compor um sistema robusto de priorização e otimização do investimento em pesquisa agrônoma pela Embrapa Hortaliças, mas também serve como insumo essencial para facilitar a adequação estratégica de diferentes políticas públicas e a orientação das decisões dos agentes econômicos que compõem a cadeia produtiva de hortaliças.

Por fim, cabe destacar a limitação imposta pela estrutura de agregação dos dados na base Sidra. A impossibilidade de isolar algumas variáveis especificamente para a cultura do tomate rasteiro exigiu uma análise baseada no perfil geral dos polos. Portanto, os resultados devem ser interpretados como um diagnóstico do ambiente produtivo no qual a cultura está inserida, servindo como uma *proxy* da realidade local.

Referências

GASQUES, J. G.; BACCHI, M. R. P.; BASTOS, E. T.; VALDES, C. Crescimento e produtividade da agricultura brasileira: uma análise do Censo Agropecuário. In: VIEIRA FILHO, J. E. R.; GASQUES, J. G. (org.). **Uma jornada pelos contrastes do Brasil, cem anos de Censo Agropecuário**. Brasília, DF: Ipea/IBGE, 2020. p. 107-120.

IBGE. **Censo Agropecuário de 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://>

sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuário/censo-agropecuário-2017. Acesso em: 6 jun. 2022.

MARQUELLI, W. A.; SILVA, W. L. C. **Seleção de sistemas de irrigação para hortaliças**. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa Hortaliças, 2011. 24 p. (Embrapa Hortaliças. Circular técnica, 98). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/916702/4/ct98.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2025.

MENDES, C. I. C.; BUAINAIN, A. M.; FASIABEN, M. D. C. R. Heterogeneidade da agricultura brasileira

no acesso às tecnologias da informação. **Espacios**, v. 35, n. 11, 2014. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1000143/1/heterogeneidadeMendes.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SOUZA FILHO, H. M. D.; BUAINAIN, A. M.; SILVEIRA, J. M. F. J. D.; VINHOLIS, M. D. M. B. Condicionantes da adoção de inovações tecnológicas na agricultura. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 28, n. 1, p. 223-255, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/86647/1/condicionantes-da-adocao.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2025.

Apêndice A – Estatísticas descritivas da produção de tomate nas microrregiões

Tabela A1. Estatísticas descritivas da produção de tomate rasteiro nas principais microrregiões produtoras e em seus respectivos municípios, em Goiás, no ano de 2017.

Microrregião	Município	Quantidade produzida (t)	% em relação à microrregião	% em relação ao estado	Número de estabelecimentos produtores
Meia Ponte	Microrregião total	251.122		37,9	41
	Água Limpa	–	–	–	–
	Aloândia	–	–	–	–
	Bom Jesus de Goiás	–	–	–	–
	Buriti Alegre	–	–	–	–
	Cachoeira Dourada	–	–	–	–
	Caldas Novas	X	–	–	2
	Cromínia	–	–	–	–
	Goiatuba	X	–	–	2
	Inaciolândia	–	–	–	–
	Itumbiara	–	–	–	–
	Joviânia	X	–	–	1
	Mairipotaba	–	–	–	–
	Marzagão	–	–	–	–
	Morrinhos	137.901	54,9	20,8	17
	Panamá	–	–	–	–
	Piracanjuba	38.991	15,5	5,9	6
	Pontalina	19.592	7,8	3,0	7
	Porteirão	–	–	–	–
	Professor Jamil	–	–	–	–
	Rio Quente	–	–	–	–
	Vicentinópolis	18.525	7,4	2,8	6

Continua...

Tabela A1. Continuação.

Microrregião	Município	Quantidade produzida (t)	% em relação à microrregião	% em relação ao estado	Número de estabelecimentos produtores
Entorno de Brasília	Microrregião total	215.738		32,6	9
	Abadiânia	—	—	—	—
	Água Fria de Goiás	—	—	—	—
	Águas Lindas de Goiás	—	—	—	—
	Alexânia	—	—	—	—
	Cabeceiras	—	—	—	—
	Cidade Ocidental	—	—	—	—
	Cocalzinho de Goiás	—	—	—	—
	Corumbá de Goiás	X	—	—	1
	Cristalina	187.212	86,8	28,3	4
	Formosa	—	—	—	—
	Luziânia	25.589	11,9	3,9	3
	Mimoso de Goiás	—	—	—	—
	Novo Gama	—	—	—	—
	Padre Bernardo	—	—	—	—
	Pirenópolis	—	—	—	—
	Planaltina	—	—	—	—
	Santo Antônio do Descoberto	—	—	—	—
	Valparaíso de Goiás	—	—	—	—
	Vila Boa	—	—	—	—
	Vila Propício	X	—	—	1

X: informações omitidas na base do Censo Agropecuário.

— : zero absoluto.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

Tabela A2. Estatísticas descritivas do número de estabelecimentos agropecuários produtores de tomate rasteiro nas principais microrregiões da Bahia e em seus respectivos municípios, no ano de 2017.

Microrregião	Município	Número de estabelecimentos produtores	% em relação à microrregião	% em relação ao estado	Quantidade produzida (t)
Irecê	Microrregião total	629		34,6	58.888
	América Dourada	54	8,6	3,0	5.665
	Barra do Mendes	14	2,2	0,8	159
	Barro Alto	42	6,7	2,3	2.344
	Cafarnaum	185	29,4	10,2	14.595
	Canarana	79	12,6	4,3	7.894
	Central	2	0,3	0,1	X
	Gentio do Ouro	1	0,2	0,1	X
	Ibipeba	4	0,6	0,2	83
	Ibititá	18	2,9	1,0	6.985
	Iraquara	55	8,7	3,0	6.613
	Irecê	4	0,6	0,2	142
	João Dourado	31	4,9	1,7	4.740
	Jussara	1	0,2	0,1	X
	Lapão	37	5,9	2,0	3.540
	Mulungu do Morro	80	12,7	4,4	4.797
	Presidente Dutra	2	0,3	0,1	X
	São Gabriel	1	0,2	0,1	X
	Souto Soares	19	3,0	1,0	829
	Uibaí	–	–	–	–
Senhor do Bonfim	Microrregião total	338		18,6	20.004
	Andorinha	–	–	–	–
	Antônio Gonçalves	–	–	–	–
	Campo Formoso	329	97,3	18,1	19.863
	Filadélfia	–	–	–	–
	Itiúba	2	0,6	0,1	X
	Jaguarari	1	0,3	0,1	X
	Pindobaçu	3	0,9	0,2	71
	Senhor do Bonfim	–	–	–	–
	Umburanas	3	0,9	0,2	65

–: zero absoluto.

Fonte: Adaptado de IBGE (2017).

